

O PODER DA INCLUSÃO DIGITAL MEDIADA POR LÍDERES GESTORES

Elisângela Alves Pinto

RESUMO

Na presente era, uma série de competências e habilidades digitais têm sido exigidas dos profissionais, e é das Instituições que espera-se que tais profissionais saiam formados. No entanto, para o alcance de uma formação eficaz, faz-se necessária a existência de uma liderança mediadora que tenha intencionalidade pedagógica e busque lograr êxito na gestão de equipes através de metodologias disruptivas e inovadoras. No compasso dessa reflexão, cabe aos docentes adotarem uma emergencial redefinição da atuação pedagógica e uma visão clara do contexto hodierno tecnológico no qual estamos imersos. Além disso, educadores precisam entender o papel que as tecnologias ocupam na educação, para que haja um uso consciente, responsável e estratégico das múltiplas ferramentas tecnológicas existentes, a fim de que seja possível conhecer as novas formas de aprender e ensinar, além de produzir conhecimentos que são possibilitados através desses recursos e que favorecem a democracia e a integração social. Nesse sentido, o presente trabalho aborda um conjunto de técnicas e metodologias que viabilizam práticas digitais, sem perder de vista o desenvolvimento de capacitações cognitivas, intra e interpessoais exigidas do profissional do presente século. Por fim, também procura-se abordar a questão do papel que cabe aos governantes, no sentido da responsabilidade que têm de proporcionar uma reestruturação educacional inclusiva possibilitadora de transformação das múltiplas realidades existentes em solo nacional. Para a elaboração deste Artigo realizou-se uma pesquisa qualitativa, com ênfase na observação e estudo documental, ao mesmo tempo em que promoveu-se um necessário cruzamento dos levantamentos das pesquisas bibliográficas apontadas nas Referências Autorais.

Palavras-chave: Liderança. Inclusão. Disrupção. Intencionalidade. Resultados.

INTRODUÇÃO

Em um mundo pós covid, entramos em uma nova era da educação e não há espaço para retrocessos. Se algo de positivo que podemos destacar nesse caos pandêmico que estamos imersos desde 2020, foi a imensa lupa que nos permitiu enxergar os problemas educacionais em que estávamos imersos e a necessidade que tínhamos de criarmos soluções para possibilitarmos a inclusão, a equidade, as injustas realidades. Nesse sentido, é inegável a vital necessidade de transformarmos as múltiplas realidades existentes e que persistem em causar desigualdades socioeconômicas.

¹ Graduada em Letras – Português / Inglês. Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica. Especializanda em NeuroEducação e Docência do Ensino Superior. Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University.

elisagouveia@hotmail.com

Nesse compasso, o enclausuramento nos possibilitou enxergar nas TDICs uma chance em potencial para o exercício pleno da cidadania, desde que autoridades e principais responsáveis pelas transformações sociais tenham a vital consciência de é possível mudarmos a realidade marginal de vida que milhões de cidadãos são obrigados a enfrentar.

Nesse viés, é de suma importância que os profissionais procurem ressignificar-se, ajustando-se na realidade digital, em que o poder de uma boa formação proporciona novos papéis no constructo docente e na postura discente. Mais do que nunca, torna-se imprescindível uma capacitação significativa, contextualizada com os interesses de uma geração digital.

Objetivando descrever práticas relevantes para a formação contemporânea dos profissionais digitais e abordar estratégias concernentes ao exercício de um liderança mediadora, buscamos tecer reflexões sobre os papéis dos atores educacionais e dos poderes governamentais no processo dessa construção educacional disruptiva, através de pesquisa qualitativa, com ênfase na observação e estudo documental e cruzamento de obras bibliográficas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Como dissemos, é inegável o poder que a Educação Digital exerce sobre a vida dos discentes, sobretudo os que pertencem à Geração Alpha. Dessa forma, é vital gerar profissionais capacitados com o que há de mais moderno em termos de metodologia e recursos digitais. Além disso, para que o professor se permita à uma ampla reflexão e conhecimento sobre a digipedagogia (termo relativamente novo que faz referência à Pedagogia Digital), é preciso que ele esteja aberto a superar limitações e também a promover uma educação acessível e integrada.

Abrir-se para as possibilidades pedagógicas digitais permite ao docente alcançar o perfil do aluno da nova era. Afinal, não se pode olvidar que as necessidades do aprendiz contemporâneo são muito diferentes, pois eles necessitam de uma extensão de sua realidade interativa com os recursos digitais. Conforme JENKINS (2008) afirma: “Ser educado hoje em um entorno escolar desconectado da vida cotidiana é frustrante para qualquer aluno ou aluna”.

Essa frustração mencionada acima é produto de décadas na prevalência de um estilo arbitrário educacional. Por anos criou-se entre professores e alunos um enorme abismo relacional e esse fator foi/é a causa da preponderância de necessárias interferências no processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, professores precisam analisar melhor o chão da escola e suas múltiplas possibilidades, pois os alunos alteraram seu jeito e vontade de aprender.

Conseqüentemente, a práxis educacional moderna requer que o professor vá ao encontro do aluno e não o oposto, como sempre ocorreu no estilo tradicional educacional.

“No passado, os alunos tinham que se adaptar aos métodos dos professores, mas atualmente o professor deve procurar ir ao encontro dos interesses e da linguagem dos alunos, sendo flexível [...] (JESUS, 2008, p.22)”.

Sendo necessário esse movimento de ir ao encontro dos interesses discentes, é inegável que devemos, então, utilizar como instrumentos pedagógicos os recursos que fazem parte da sua zona de realidade vivida. Dessa forma, ao praticar a digipedagogia inovadora, o professor se aproxima da linguagem tecnológica dos alunos, tornando possível um espaço interrelacional, tornando o ensino mais prazeroso e contextualizado. Apesar de serem grandes os desafios, PRUDÊNCIO, CARVALHO e FERREIRA (2007), asseguram que são inúmeras as possibilidades de exploração do espaço virtual, bem como a potencialização da aprendizagem.

Entretanto, todo o processo de formação docente, bem como a ressignificação das suas respectivas práticas cotidianas, readequação às exigências pós pandêmicas e inovações nas práxis contextualizadoras, apresentam variáveis de resiliência, readaptação e reinvenção do fazer docente. Dentro dessa readequação, o docente comprometido com o ensino compreendeu que as tecnologias aplicadas à educação são de suma importância pois correspondem ao perfil do aluno contemporâneo e valorizam o cenário pedagógico contextualizado.

Dessa forma, é necessário que o professor/educador busque o conhecimento das diversas ferramentas tecnológicas educacionais, sobretudo as que possam valorizar o que os alunos já sabem, provendo um contínuo processo de conhecimento e superação cognitiva. Não obstante, de acordo com VALENTE (2003), a efetiva aprendizagem ganhará espaço e se tornará mais adaptada às necessidades individuais discentes, promovendo o desenvolvimento e não apenas sendo fonte superficial na tentativa de criar uma atmosfera de professor moderno e conectado, sem que o seja de fato (comumente encontrado nas mais diferentes instituições).

Destarte, é fundamental unir experiência pedagógica com o uso das possibilidades digitais, a fim de criar uma digipedagogia que seja concernente com o mundo discente. Portanto, faz-se urgente, no atual mundo pós pandêmico (no qual avanços na compreensão e utilização de recursos digitais foram forçosamente incorporados), estabelecer novos parâmetros didáticos. REIMERS (2017) afirma que para o futuro, estudiosos afirmam que haverá uma

grande prioridade para garantir que a educação combine o digital com o presencial (o que já está sendo feito no contexto do ensino híbrido, por normas de segurança frente a pandemia).

Em sintonia com as teorias de VYGOTSKY (1993), no que diz respeito à aquisição de novas capacidades intelectuais através do modelo de zona proximal, podemos considerar que se o professor for referência significativa como modelo de liderança a ser imitado, esta será a peça-chave para o empoderamento de crianças e jovens em seu próprio papel enquanto líder, cidadão global e contribuinte para o bom funcionamento da sociedade.

“A única liderança capaz de se sustentar com o tempo é aquela baseada no exemplo, onde o líder mostra como se faz para que os outros possam repetir a tarefa em nível semelhante ou até mesmo acima.” (REZENDE, 2006, p.43)”.

De acordo com Soria e García (2015), inúmeros relatórios destacam a interface entre gestão, processos de liderança e conquistas na qualidade da educação. Para as pesquisadoras espanholas, é preciso destacar a importância da liderança docente como objetivo central de gestão nas escolas, desde que seja de cunho democrático e que visem o protagonismo individual, pois é fundamental que os educandos sejam proprietários e mestres de si mesmos.

Rodríguez (2013) afirma que a função da educação é ajudar os alunos a amadurecerem, expandirem seus conhecimentos, desejarem o bem, buscarem o autoconhecimento, virtudes, prudência, liderança, controle emocional, eticidade, integridade. É salutar que tais aspirações advenham de uma formação eficaz, para que os professores tenham segurança em mediar as interações de um processo de ensino aprendizagem significativo, transformador e libertador.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É salutar levarmos em consideração a realidade contextual em que docentes e discentes encontram-se diante de todo o desafio digital em que está imersa a Sociedade do Conhecimento. Dessa forma, levantamentos empíricos são imprescindíveis para situarmos nossos olhares para a situação e também para as exequíveis soluções sanadoras. É inegável que Professores esbarram em falta de estrutura e formação para uso da tecnologia no ensino e necessitam de transformações basilares para exercerem suas práxis docentes de modo significativo e transformador.

Ora, se docentes não têm estrutura, são ausentes de formação condizente e também nem sequer conhecem ferramentas virtuais que agreguem valor ao ensino, é fundamental que o

governo e as instituições possibilitem a mudança dessa realidade. Nossos docentes precisam desenvolver-se digitalmente para também possibilitarem o desenvolvimento dos aprendizes. Tal conhecimento pode começar pelo entendimento da fundamental importância que Plataformas Adaptativas exercem, sobretudo, na vida dos discentes com dificuldade de aprendizagem.

Campos e Ferreira (2014) afirmam que, considerando que existe uma infinidade de materiais educacionais digitalizados (livros, apresentações, documentos, exercícios), através do ensino adaptativo torna-se possível adotar novas formas para que os estudantes possam aprender, pois o aluno tem a possibilidade de utilizar o material que melhor convier para absorver o conteúdo. A ferramenta aprende sobre as preferências e problemas de aprendizado dos alunos e, quanto mais ele interage com a plataforma, mais específicas são as sugestões. Gomes (2013), aborda sobre esses algoritmos sugestivos da seguinte forma:

“Por trás daquele ambiente virtual de aprendizado, com conteúdos agrupados e entregues das mais diversas formas, há um algoritmo capaz de sugerir ao aluno a forma como ele tende a aprender melhor [...]”. Gomes (2013)

Ademais, é salutar que um líder docente eficaz também saiba exercer uma gestão exímia de pessoas para direcionar o bom uso das tecnologias. Afinal, gerir significa administrar, coordenar, engajar, compartilhar metas, determinar qualidade no cumprimento de tarefas, promover o comprometimento das equipes. REZENDE - conhecido como Bernardinho (2006), é uma das maiores referências mundiais sobre liderança coletiva e ele apregoa que o centro de todo sucesso é a busca constante da excelência.

Como premissa, ele nos deixa um legado sobre a intitulada “Roda da Excelência” na gestão de equipes: liderança, motivação, planejamento, meta, perseverança, obstinação, comprometimento, cumplicidade, disciplina, ética, valores e superação. Nesse compasso, torna-se fundamental que o gestor de equipes saiba dividir funções, prover orientação, estabelecer objetivos, entrelaçar relacionamentos, definir prioridades, cultivar autonomia e entusiasmo.

No contexto educacional, promover a gestão de equipes em significa proporcionar ao educando a oportunidade de interagir, trabalhar em coletividade, trocar ideias e experiências, aprender a lidar com diferenças e, principalmente, com situações adversas. Além disso, também deve estimular o debate de conceitos, a superação de preconceitos, trabalhar a homeostase, desenvolver a oralidade por meio da persuasão e exercer a visão democrática. Não obstante, também deve cultivar a habilidade interpessoal, intrapessoal, colaborativismo, exterminar

estereotipagens, destruir o efeito de Halo e abrir a janela de Johari. Vale dizer que, independente se em contexto virtual ou presencial, tais princípios são perfeitamente possíveis de serem geridos e postos em prática.

“A segunda grande dimensão da Gestão da Sala de Aula é a Organização da Coletividade, aquilo que, muitas vezes, chamamos de clima de trabalho ou disciplina. A situação pedagógica, apesar de não dispensar, de forma alguma, o momento de elaboração individual —condição para a construção do conhecimento no sujeito—, é marcada pela dinâmica do coletivo, já que não se trata de apenas um aluno adquirindo conhecimento, mas toda uma classe.” (VASCONCELOS, 2017, p. 23)

A Organização da Coletividade deve ser priorizada como prática contínua, apoiando-se em técnicas e metodologias de aprendizagem em grupo. No mundo contemporâneo, não mais cabe o método tradicional de ensino expositivo, pois é fato que a tecnologia vem transformando a educação de forma significativa. A partir desse entendimento, compreende-se que é fundamental buscar alternativas de ensino condizentes com a demanda da sociedade atual e com a velocidade do compartilhamento de um mundo cada vez mais globalizado.

Nesse sentido, promover uma aprendizagem significativa para que o aluno realmente aprenda e aplique seus saberes na sociedade deve ser um dos objetivos do educador. É possível prover tal saber através da implementação de metodologias ativas, pois elas visam preparar cidadãos atuantes e comprometidos socialmente, principalmente quando sintonizadas com o contexto digital. Dentre as metodologias mais indicadas estão:

Team Based Learning (Aprendizagem baseada em equipes – doravante conhecida como ABE), *Classroom Discussions* (Discussões em Classe), *Colaborativas Learning* (Aprendizagem Colaborativa), *Paired Annotations* (Anotações Emparelhadas), *Double Entry Journal* (Diário – Dupla Função), *Send-A-Problem* (Resolução de Problemas), *One Minute Paper* (Artigo de Um Minuto), *Value Line* (Linha de Valor), *Project Based Learning* (Aprendizado Baseado em Projetos), *Peer Instruction* (Instrução em Pares), *Station Rotation* (Rotação por Estações de Aprendizagem) e *Flipped Classroom* (Sala de Aula Invertida).

A fim de sintetizar as Metodologias Ativas acima indicadas, podemos conceituá-las da seguinte forma: *Team-Based Learning*: consiste em criar grupos de aprendizagem formados por cinco a sete estudantes, que devem trabalhar num mesmo espaço físico. *Classroom Discussions*: metodologia que prioriza debates e exposição de ideias de forma oral. *Paired-Annotations*: técnica que fortalece a discussão entre os participantes em prol de uma ideia conjunta. *Double Entry Journal*: trata-se de uma técnica que desenvolve a capacidade de assimilação de conteúdo.

Send-A-Problem: Pode ser usada para engajar os alunos em um processo de resolução de problemas. *One Minute Paper*: pode ser usada para avaliar o aprendizado dos estudantes ao fim da aula e pode também fornecer um feedback importante sobre o processo envolvido na realização das atividades em grupo. *Value Line*: técnica de formação de grupos heterogêneos.

Cabe ressaltar que a *Project Based Learning* é uma derivação da Metodologia *Send-A-Problem*, uma vez que ambas pensam o aluno como protagonista e a aprendizagem é realizada na prática, preferencialmente estabelecida em conjunto. No lugar dos problemas, a PJBL propõe projetos de execução que podem durar um número pequeno de aulas ou até um semestre. *Peer Instruction*: Pares de alunos debatem entre si sobre um problema criado pelo professor, um mesmo objeto ou componente curricular. *Station Rotation*: modalidade do ensino híbrido que permite circuitos em sala de aula e cada grupo circula por estações diferentes. *Flipped Classroom*: oposta ao sistema tradicional (em que o aluno aprende em uma aula expositiva primeiro e faz a tarefa de casa sozinho), é realizado um estudo prévio em casa, por meio de materiais digitais e, após esse estudo individual, os alunos vão para a aula para tirar dúvidas, debater, trazer assuntos complementares, desenvolver projetos e atividades em grupos.

Além de funcionarem melhor quando apoiadas em tecnologias digitais, vale ressaltar que os papéis desempenhados por docentes e alunos sofrem alterações em relação à proposta de ensino tradicional, pois essas metodologias favorecem momentos de interação, colaboração e envolvimento com as tecnologias (seja presencial ou online). No entanto, é necessário dizer que de nada adianta a implementação de tecnologias digitais na rotina escolar adotando computadores, *tablets* e outros equipamentos, se não houver uma reconfiguração metodológica.

Infelizmente, não são poucos os docentes que fazem uma transposição das aulas “tradicionais” para o modelo *online* e insistem na valorização da exposição do conteúdo “de um para muitos”. Agindo assim, a práxis pedagógica continuará inócua, descontextualizada, ultrapassada e sem o exercício do que, de fato, significa a digipedagogia. Ademais, é vital que a prática docente seja de fato orientadora não para a reprodução ou repetição, mas para a promoção do protagonismo, da autoria, da compreensão, reflexão e entendimento.

GIL (2017), catedrática da Universidade de Barcelona, é enfática ao dizer que a transformação provém de atitudes. Ao passo que os professores primem em planejar suas aulas, utilizem novas ferramentas, modifiquem a maneira de enxergar o processo de ensino e modifiquem sua postura frente aos discentes, os alunos tornar-se-ão mais receptivos, engajados, conscientes, colaborativos, comprometidos.

A fim de complementar a abordagem metodológica ativa, vale ressaltar que, na atual conjuntura, não mais cabem avaliações de caráter punitivo, nas quais alunos são “premiados”

de acordo com a quantidade do que conseguem decorar dos conteúdos aplicados positivamente. No entanto, todo profissional comprometido com resultados necessita estabelecer metas, planejar métodos e também adotar instrumentos de mensuração de resultados para refletir sobre estratégias. REZENDE (2006) afirma que sempre percebeu uma lógica elementar: é melhor lapidar até à exaustão o talento médio (e determinado) do que tentar polir o diamante preguiçoso que não deseja polimento. E, nessa lapidação, requer-se avaliar o desempenho e continuamente prover o crescimento.

Não é diferente na área educacional, haja vista ser fundamental refletir sobre o cumprimento da missão, visão e valores da instituição. A gestão da qualidade deve ser uma prática também nos espaços escolares, afinal é aconselhável que escolas sejam vistas como empresas que oferecem serviços, os conteúdos como produtos e alunos como clientes.

A escola é uma empresa feita por e para pessoas, é um organismo vivo, dinâmico e em permanente transformação. Ela é um importante instrumento que pode e deve ser utilizado na busca de uma transformação social, por isso, ao assumir sua posição de empresa prestadora de serviços, deve focar nos interesses humanos e em suas múltiplas necessidades. (PESTANA, 2003, p. 37).

Dessa forma, para além de dados somativos, instrumentos avaliativos têm inúmeras utilidades: prover relatórios, avaliar práticas, estabelecer metas, engajar a execução das funções, aperfeiçoar a práxis de liderança, melhorar práticas de gestão, identificar múltiplas inteligências, personalizar o ensino, promover o desejo de aprender, oferecer novas formas de conhecimento e alcançar melhores desempenhos de cada ator da comunidade escolar.

É salutar que, para ser inclusiva, a avaliação do ensino e da aprendizagem também seja vista como um processo sistemático e contínuo com estratégias, testes de intervenções diferenciadas e que valorizam cada ser humano como um ser único, com seus particulares processos formativos, limitações e trajetórias de vida. Da mesma forma como nossos docentes necessitam de variados tipos de aplicação de conteúdos, também precisam de variadas técnicas de apuração da aprendizagem.

THOMAZINHO (2020), nos orienta, com base em suas pesquisas sobre didáticas assimétricas e neurociências da aprendizagem, a exercermos uma tática disruptiva. É necessário prover continuamente aos educandos experiências de testagem e instantâneos feedbacks, identificando em cada um gaps e necessárias intervenções (sejam ações orientadoras ou revisoras), a fim de fazer as equipes interagirem e todos caminharem juntos. O estu-

ressalta ainda que avaliações constantes diminuem substancialmente o medo que o aluno tem de tradicionais provas punitivas, pois em todo tempo sendo testado, ele também ganha confiança, segurança, entusiasmo, motivação, crescimento cognitivo intelectual e emocional.

De forma prática, apresento alguns dos variados instrumentos avaliativos que o autor nos orienta a adotar, principalmente em contextos instrucionais virtuais: averiguação sobre o conhecimento do aluno antes de explicar conteúdos, pergunta de opinião, questão aberta e projeção futura, dar respostas e solicitar a pergunta correspondente, comentário síntese, podcast, quiz de verdadeiro ou falso, palavras-chave, hashtag, perguntas de aprendizagem, causa e efeito, consequências. Vale ressaltar ainda que todas essas estratégias funcionam melhor quando aplicadas em seu momento definido de aula, seja no momento inicial, no meio ou no final da aula.

É salutar evidenciarmos nesse Artigo que os resultados que esperamos através da adoção das TDICs pelos profissionais do ensino seja gerar profissionais capacitados com o que há de mais moderno no mundo educacional tecnológico, que habilitem a geração Alpha com múltiplas competências, através de uma aprendizagem digital significativa e eficaz. Ademais, também esperamos conscientizar sobre a importância de chegarmos aos mais longínquos recônditos da sociedade brasileira com o que houver de mais significativo e transformador proporcionado pelas ferramentas digitais.

No entanto, como visto anteriormente, uma excelente infraestrutura tecnológica não é o suficiente, pois a mudança da cultura escolar não ocorre do dia para a noite e requer espaço de experimentação e de reflexão do grupo para que surta efeito. E, apesar de nos encontrarmos na Revolução 5.0, é alarmante a larga carência de líderes mediadores no processo da formação educacional digital. SALLIT (2010) aponta que 49% dos docentes alegam falta de formação condizente e 46% relatam falta de conhecimento de ferramentas virtuais eficazes, o que impossibilita a geração Alpha de ter referência educacional digital, por conta da precária existência de líderes formadores. Não obstante, pensar em formação eficaz dentro da realidade brasileira é um grande desafio, principalmente se considerarmos que não há uma só, mas múltiplas. Algumas mais privilegiadas, outras medianas e muitas são as carentes e desprovidas da presença ou do uso de tecnologias digitais.

Nessas múltiplas realidades, é possível pensar em metodologias ativas desde que seja desenhada uma forma sustentada de implementação, não como uma forma puramente disruptiva em relação ao modelo de ensino considerado “tradicional”, mas caminhando em direção a essa possibilidade (HORN e STAKER, 2015, p. 47).

Para além da postura pedagógica, esbarramos no problema da estrutura que o Sistema não viabiliza (ou viabiliza muito precariamente), sobretudo nos sistemas públicos de ensino. Falar teoricamente como deve ser a pedagogia de um docente líder mediador digital sem demonstrar isso na prática afasta -se das prerrogativas da UNESCO (DELORS, 1999), que orienta um ensino do “Aprender a Fazer”.

Não obstante, tal prática também vai de encontro aos pilares da Pirâmide de GLASSER (1998), que determina níveis para que a aprendizagem ocorra (tais como o expressar, comunicar, praticar, reproduzir). Ademais, nossa realidade educacional também esbarra na teoria de DALE (1969), que ressalta os percentuais na taxa de aprendizagem relativa, a qual depende de discussões e aprofundamentos através da prática do educando.

Sendo assim, vemos que é desde a base que a transformação deve ser provida e é muito fácil colocar sobre os ombros dos professores uma adaptação às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) quanto à reformulação do ensino, quando nem sequer existem aparatos mínimos na formação basilar. Visto isso, é necessário abrir esse parênteses e desafiar o Sistema para que haja viabilização para a implantação de efetiva formação digital, revolução educacional disruptiva, transformação no fazer docente e alcance inclusivo do mundo dos aprendizes para a facilitação da construção de sinapses e desenvolvimento de competências e habilidades.

É inegável que a pandemia proporcionou perdas, sofrimentos e tragédias. No entanto, alguns de nós, como seres resilientes que somos, conseguimos observar o ganho que obtivemos ao avançarmos anos luz no entendimento de que não mais podemos retroceder ou permanecer utilizando as mesmas táticas ultrapassadas pertencentes aos séculos anteriores.

Uma postura docente que zele pela liderança mediadora educacional, calçada na intencionalidade pedagógica, no exercício eficaz da gestão de equipes e em consonância com a revolução tecnológica tem o poder de promover a homeostase, proporcionar consciência coletiva, desenvolver valores humanos, capacitar profissionalmente, derrubar paradigmas e transformar realidades desprivilegiadas.

Buscar a aplicação de metodologias inovadoras e ativas, mesclando-as com estratégias didáticas assimétricas e o entendimento sobre a neuroaprendizagem, faz com que o processo de formação dos profissionais digitais (e qualquer processo de ensino) se efetue significativa e empiricamente. Tal aplicabilidade proporciona melhores práxis educativas, garante qualidade na entrega de serviços e conduz um exercício laboral científico, a favor da educação.

No entanto, embora o desenvolvimento profissional contínuo deva ser buscado, a reformulação do cenário educacional deve ser proporcionada desde os pontos basilares, através

do cumprimento real das prerrogativas constitucionais. Os poderes executivo e legislativo devem andar em consonância para exercerem e fiscalizarem o direito de uma formação de qualidade para todos, que proporcione dignidade, igualdade, participação e inclusão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA & PRADO, MAIA E. B. B. Integração Tecnológica, Linguagem e Representação. Disponível em: <<http://www.tvbrasil.com.br/salto>. Acesso em: 19 abr. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

DALE, E. Métodos Audiovisuais no Ensino. México: Editorial Reverte Mexicana, 1966

DELORS, J. (1999). Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Brasília, DF.: MEC.

GIL, Juana M. La perspectiva DIY en la universidad: ¡hazlo tú mismo y en colaboración!: Implicaciones pedagógicas y tecnológicas: Educación universitária. Madri: Editorial Octaedro, SL. 2017.

GLASSER, W. Choice theory: A new psychology of personal freedom. Los Angeles: HarperCollins, 1998b

GOMES, P. (2013). Entenda como funcionam as plataformas adaptativas. Disponível em <http://porvir.org/porcriar/entenda-como-funcionam-plataformas-adaptativas/20130328>.

HORN, Michael B. e STAKER. Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

JENKINS, H. Cultura da Convergência. São Paulo: Aleph, 2008.

JESUS, Saul Neves de. Estratégias para Motivar os Alunos. Educação, Porto Alegre, Jan/Abr. 2008.

MORIN, E. Educação e Complexidade: os Sete Saberes e Outros Ensaios. Trad. Edgard de Assis Carvalho. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PESTANA, André. Gestão e educação: uma empresa chamada escola. Petrópolis, RJ: Catedral das letras, 2003.

PRUDÊNCIO, Erivelto Alves; CARVALHO, Jairo de; FERREIRA, José Luis. As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação e o Sistema de Gerenciamento de Cursos Moodle. In: Formação de Professores em EAD. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2007, Módulo 11, Unidade 4.

REIMERS, F. M. Leading educational change during a pandemic (Reflections, Hope and Possibility). Independet Publisher. Jan. 2021.

REZENDE, Bernardinho R. Transformando Suor em Ouro. Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2006.

RODRÍGUEZ, E.U. (2013) La importancia del cuidado de los padres para la formación en el liderazgo de los hijos. Tesis doctoral. Madrid: Universidad Complutense de Madrid. Disponível em: <<http://eprints.ucm.es/22517/1/T34712.pdf>>. Acesso em: 16/ 02/2018.

SALLIT, M. (2010). Professores esbarram em falta de estrutura e formação para uso da tecnologia no ensino. Disponível em <https://querobolsa.com.br/revista/Professores-Esbarram-em-Falta-de-Estrutura-e-Formação-Para-Uso-da-Tecnologia-no-Ensino>. Acesso em: 26.09.2021

SORIA, A.B.M. & GARCIA, S.I. Revista Iberoamericana de Educación. N.º 67/2015.

THOMAZINHO, P. H. Didáticas Assimétricas: Como Transformar Ensino em Aprendizagem. 21 ed. Curitiba: Meta Aprendizagem, 2020.

VALENTE, José Armando. O Papel do Computador no Processo Ensino-Aprendizagem. Artigo série Pedagógica de Projetos e Integração de Mídias. Programa Salto para o Futuro/TV Escola, Set. 2003.

VASCONCELOS, Celso. Desafio da Qualidade da Educação: Gestão da Sala de Aula https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2017/02/celsovasconcellos-seesp_qualed_gesto_sa_1_1.pdf [Acessado em 19 de setembro de 2021]

VYGOTSKY, L.S. Obras escogidas II. Madrid, Centro de Publicaciones del M.E.C. y Visor Distribuciones. 1993.